

Objetos e símbolos das mulheres negras em museus: reflexões sobre a aprendizagem histórica e memória.

Renata Teodoro Pereira

(Orientadora) Dr^a Jaqueline Ap. M. Zarbato

Resumo: Este artigo visa analisar alguns objetos da cultura material feminina que estão em exposição no Museu Afro-Brasileiro e no Museu Afro Brasil, que estão entre trajes e símbolos de mulheres negras. A representação cultural desses objetos contribui para que as pessoas possam compreender a importância das mulheres negras na cultura brasileira, enfocando que sua exposição em museus pode ampliar a compreensão histórica sobre as contribuições das mulheres negras na História do Brasil. Metodologicamente, separamos as representações dos dois museus dos objetos identificados como femininos, como: trajes, adornos pessoais, balangandãs, fotografias, entre outros que estão expostos nas coleções permanentes. E que são identificados como objetos de utilização em festas, nas religiosidades, no cotidiano. Esses objetos da cultura material são em sua maioria datadas do período colonial brasileiro. Como resultados, percebemos que as exposições podem contribuir para ensinar a história das mulheres negras no Brasil, mas ainda há objetos que são poucos explorados e, que podem ter interpretações superficiais na análise das pessoas que visitam os museus.

Palavras Chaves: Museu. Mulheres negras. Cultura. Representação.

“Dobrem os joelhos para a mulher, a mulher nos pôs no mundo; por isso nós somos seres humanos. A mulher é a inteligência da terra. Dobrem os joelhos para a mulher”. (Sueli Carneiro)

Esse artigo faz parte do projeto **“Dos trajes de crioula aos símbolos das mulheres negras: Aprendizagem histórica e memória (1990 - 2019)”**, desenvolvido no grupo de pesquisa Ensino de História, Mulheres e Patrimônio (Gemup-UFMS). Para esse artigo, analisamos as representações de mulheres negras em dois museus (Museu Afro-Brasileiro e Museu Afro Brasil), com enfoque em alguns objetos femininos, como os trajes de mulheres negras, os balangandãs, os objetos que expressam a utilização das mulheres.

A representação de alguns objetos da cultura material das mulheres negras nesses dois museus nem sempre possui o contexto histórico em que foram produzidos, mas apresenta os elementos que a compõem. Nesse sentido, são identificados nos museus como objetos da cultura material de mulheres negras. O

que é importante destacar, haja visto que se pode considerar que adornos como também utilizados por homens.

Porém, há alguns elementos que são representativos da cultura material de mulheres negras, com simbologia, contexto de uso, formas e utilizações sejam no âmbito das lidas de trabalho, das religiosidades, dos comportamentos sociais e culturais. O que nos evidencia a importância e justificativa de pontuar como são identificados, representados os objetos nos museus analisados. Além disso, é importante destacar que escolhemos alguns objetos nas exposições permanentes dos museus, tendo em vista que são mais de 11 mil peças nas exposições.

Os museus escolhidos (Museu Afro-Brasileiro e Museu Afro Brasil), têm vasta coleção permanente sobre a cultura africana e afro-brasileira. O Museu Afro Brasil (São Paulo) e o Museu Afro-brasileiro (Bahia - UFBA) possuem em sua apresentação aos visitantes, a fundamentação das memórias, representações culturais de afro-brasileiros em museus, tendo em vista a constituição de formação de identidades e alteridades a partir de coleções, objetos, exposições museológicas. Organização Social e Cultural

O Museu Afro Brasil foi inaugurado em 2004, com a coleção do diretor e curador Emanuel Araújo. A criação do museu deu-se no governo de Marta Suplicy e foram utilizados recursos advindos da Petrobrás e do Ministério da Cultura através da Lei Rouanet¹.

O Museu Afro Brasil tornou-se uma instituição pública desde 2009, exhibe parte do seu Acervo na Exposição de Longa Duração, realiza exposições temporárias e dispõe de um auditório e de uma biblioteca especializada que complementam sua programação cultural ao longo do ano. Possui a biblioteca Carolina Maria de Jesus com mais de 15.000 itens e no site oficial do museu temos acesso ao catálogo online de obras raras para fazer download em *pdf*. Há também o espaço conta com o Teatro Ruth de Souza para promover encontros, interações intelectuais e artísticas. Na parte educativa, oferece visitas mediadas com equipe profissional e oficinas. Sua missão é promover o reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio cultural brasileiro, africano e afro-brasileiro e sua presença na cultura nacional.

¹ A Lei Rouanet, também conhecida como Lei de Incentivo à Cultura, tem como objetivo a ampliação do acesso à cultura para milhares de cidadãos em todo o país, subsidiando shows, exposições e todas as formas de demonstrações culturais. O projeto existe desde 1991 pela Lei 8.313.

O Museu Afro-Brasileiro foi criado em 1974, conhecido como MAFRO, foi inaugurado em 07 de janeiro de 1982, no local onde funcionou o Real Colégio dos Jesuítas, do século XVI ao XVIII e a partir de 1808, a primeira Escola de Medicina do Brasil. Sua criação, no âmbito do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, correspondeu aos anseios da existência de um espaço de coleta, preservação e divulgação de acervos referentes às culturas africanas e afro-brasileiras, com o objetivo de estreitar relações com a África e compreender a importância deste continente na formação da cultura brasileira, incentivando, por outro lado, contatos com a comunidade local. Seu projeto original, de 1974, concebido pelo antropólogo e fotógrafo Pierre Verger, foi desenvolvido no início da década de 80 pela arquiteta Jacyra Oswald e pela etnolinguista Yeda Pessoa de Castro, dentre outros professores e pesquisadores da Universidade Federal da Bahia e consultores externos.

Entre os anos de 1997 e 1999, sob a coordenação do Museólogo Marcelo Cunha, com participação de equipe de consultores, o MAFRO passou por um processo de renovação da sua exposição, que vem sendo redimensionada periodicamente, com modificações nos últimos anos. Desde os anos noventa, a sua gestão técnico administrativa é realizada por docentes do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia, afirmando-se como local de investigação e ensino relacionados à museologia e seus processos operatórios, promovendo atividades de pesquisa, ensino e extensão, difundindo informações oriundas do seu acervo, por meio de cursos, exposições temporárias e publicações, procurando oferecer subsídios aos pesquisadores e inúmeros estudantes que visitam o museu. Tendo como objetivo fazer um trabalho de preservação, valorização e divulgação das culturas africanas e afro-brasileiras.

Enquanto museu universitário, o MAFRO se propõe a promover atividades de pesquisa, ensino e extensão, difundir e socializar as informações oriundas do seu acervo, por meio de cursos, exposições temporárias e publicações, procurando oferecer subsídios aos pesquisadores e inúmeros estudantes que visitam o museu.

No site da Universidade de São Paulo - USP, em seu jornal online, é apresentado o quadro "Diversidade em Ciência", no qual Ricardo Alexino Ferreira, professor universitário, acaba entrevistando Rosane da Silva Borges, doutora em comunicação e linguagem pela Escola de Comunicações e Artes da USP, onde

aborda o tema “*Imaginário e Representação da Mulher Negra*”. É falado sobre o papel histórico da mulher negra e a construção da sua identidade na contemporaneidade e sobre como o racismo estrutural atinge duplamente a mulher negra, em gênero e etnia.

A entrevistada comenta sobre o papel do jornalismo na sociedade, como que esse veículo de informação está muito próximo aos interesses da classe média, controlado pelos dominadores. Seu papel na sociedade acaba sendo de apagamento e silenciamento quando o assunto é racismo. A partir dele existe uma problemática em que quando se trata de pessoas negras, elas sempre são silenciadas, a única visibilidade que elas têm é de forma negativa, relacionada aos casos de roubos, tráfico ou coisas piores. Rosane aponta como os programas policiais explicavam de forma nítida esse racismo. O branco quando reportado nesses programas sempre é como suspeito, jovem, muitas vezes não revelam o nome desses indivíduos, já os negros, muitas vezes não são nem julgados e já colocam eles como culpados, criminosos, meliantes, vagabundos, etc.

Em um outro bloco do programa, a doutora fala sobre como a mulher negra vive na base da pirâmide social, no qual o seu papel é resumido apenas a ser a empregada doméstica, sendo vista apenas como objeto sexual e fetiche, podemos usar de exemplo a globeleza, uma mulher negra em que a sua beleza, seu corpo, seu charme, só aparece no carnaval. A partir dessa fala, Rosane comenta sobre como muitas vezes os próprios negros acabam praticando racismo, devido ao imaginário racista da sociedade, é o famoso, racismo estrutural.

Para a pesquisa, utilizamos as discussões sobre espaços de memória, mulheres negras, o ensino de história, cultura africana e afro-brasileira, em que se analisa as perspectivas rituais e estéticas, as identidades que são projetadas a partir das coleções e símbolos femininos nesses dois museus. Ou como afirma Joana Silva (2015) em seu estudo sobre a representação das mulheres negras em Salvador, nos evidencia o quanto ainda necessitamos pesquisar sobre isso, pois segundo a autora:

Em sete museus pesquisados é perceptível que as mulheres negras têm seu lugar na exposição museológica como personagens coadjuvantes. A imagem da mulher negra é quase sempre alusiva à figura simbólica da mulher forte, cuidadora dos (as) frágeis e desprotegidos (as). (SILVA, 2015, p. 99)

Também para a autora, símbolos e registros de alguns espaços museológicos se pautam pelos homens e mulheres brancas, e que problematizar a representação das mulheres negras contribui para a emancipação cultural, pois:

a figura da mulher em espaços de memória em Salvador evidencia-se mais como protagonista nos memoriais em relação aos museus por serem esses espaços responsáveis por homenagear figuras representativas de um grupo político, religioso, ou mesmo uma personalidade de grande veiculação midiática no cenário cultural da cidade. (p. 26)

Isso porque, os lugares de memória apresentam um sentido mais amplo e múltiplo que o nome sugere. Sendo assim,

é um local de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual (...) sendo aspectos que coexistem sempre. (NORA, 1993, p. 21-22).

O que nos impele a analisar a contribuição dos museus no 'imaginário social', a associação da narrativa sobre os bens patrimoniais com a História e Cultura africana e afro-brasileira, principalmente porque adentram no campo da concepção da Nova Museologia, ampliando as prerrogativas do que se expõem em museus.

As principais modificações sobre os espaços museais se deram a partir da Carta de Santiago do Chile, de 1972, e também da Declaração de Quebec, de 1984, textos fundadores que, por um lado, instituem o museu integral "ao serviço da sociedade", e, por outro, "vinculam os museus a novas funções sociais" (RODRIGUEZ, 2010, p. 13).

Seguindo essa premissa de função social, os museus negros podem ser concebidos como espaços de problematização dos bens patrimoniais de grupos que foram subalternizados, invisibilizados em diferentes períodos históricos no Brasil. E ter um espaço que agrega as narrativas, as memórias, os objetos pode auxiliar a (re) contar outras histórias sobre a trajetória dos grupos afros no Brasil.

Ter um museu negro pode representar uma mudança no 'olhar' das pessoas sobre a experiência histórica desses sujeitos. Ser um espaço que atua como agente de comunicação e intervenção social permite pensarmos sobre a emergência de problematizar as ações das mulheres neste espaço, seja como curadoras e/ou expositoras, com suas coleções e bens patrimoniais. É este o sentido de ampliar o

olhar, percebendo que o bem patrimonial que está disposto no museu pode ser passível de leituras de mundo.

Nessa lógica, ao problematizar os museus que tem suas abordagens voltadas aos bens patrimoniais afro-brasileiros e africanos, pode-se compreender as diversidades culturais advindas das contribuições de diferentes grupos negros na trajetória étnica e racial.

No Código de Ética proposto pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) para museus afirma que, “os museus têm responsabilidades específicas para com a sociedade em relação à proteção e às possibilidades de acesso e de interpretação dos testemunhos primários reunidos e conservados em seus acervos” (CÓDIGO DE ÉTICA PARA MUSEUS, 1988, p. 11), o que pode contribuir na esteira das representatividades dos grupos afro-brasileiros e africanos.

Ainda seguindo essa abordagem, destaca-se no código que,

os museus conservam testemunhos primários para construir e aprofundar o conhecimento, [...] têm responsabilidades específicas para com a sociedade em relação à proteção e às possibilidades de acesso e de interpretação dos testemunhos primários reunidos e conservados em seus acervos. (CÓDIGO DE ÉTICA DO ICOMOS PARA MUSEUS, 2009).

A possibilidade de proteção às memórias de grupos afro-brasileiros e africanos em museus ainda não contempla um número expressivo desses espaços. E, analisando pelo ângulo de manutenção dos testemunhos primários nos evidencia a necessidade de problematização, análise e valorização de museus afros.

No Brasil, a criação de museus com tipologia de História brasileira, tem enfoque na reprodução dos ‘ideais europeus’, assim como os bens patrimoniais com maior expressão na trajetória da História do Brasil. Esse modelo preservacionista, definiu por longo tempo, os sujeitos históricos, os bens patrimoniais que teriam suas memórias valorizadas historicamente. E, talvez por isso, os grupos afros não estejam em evidência na maioria das exposições museológicas e nos museus em si.

Reforçando a necessidade de analisar os museus afros e sua contribuição para a História do Brasil, pois no que tange a contribuição da Museologia, enquadram-se na chamada museologia social. Já que, como preconiza o Estatuto dos Museus, Lei Nº 11.904, em seu art.1º, afirma que

consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009).

Além disso, a partir da Lei Nº 10.639-03, a qual determina a abordagem da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, as ações em museus puderam ser ampliadas, o que também amplia os processos de reflexão sobre a contribuição histórica, cultural e representativa de grupos africanos e afro-brasileiros. Isso porque, como nos aponta Jörn Rüsen (2013, p. 98), “o passado adquire caráter de história para o presente no rumo do futuro, mediante o ato de narrar uma história”.

Em relação à cultura, define-se que “o museu assume funções as mais diversas e envolventes”. Segundo o que consta no documento do Instituto Brasília Ambiental,

o museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha. (IBRAM, 2009)

Abordar a História das mulheres e a contribuição de seu saber cultural contribui para refletir sobre a representatividade e as experiências desse saber, que remetem a diferentes formas de ser e estar na sociedade. Com isso, a trajetória feminina na sociedade, suas narrativas, suas ações e seus saberes permite romper com o patriarcado, em que a ação feminina era restrita ao espaço privado. Lança o olhar para o processo de emancipação feminina, contribui para a ampliação do conjunto de mulheres excluídas nos processos de decisões, nas dimensões do que contribuem na sociedade. A história das mulheres, pautada pelas análises de Michelle Perrot (1990), contribui para a superação do silêncio sobre as mulheres.

Para Michelle Perrot,

escrever história exige ter fontes, sejam documentais ou não, mas até isso dificulta quando se trata da história das mulheres, sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios desfeitos e seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. (1990, p. 21)

Pode-se dizer que a problematização do museu e mulheres enquanto um patrimônio cultural, remete a uma investigação que traz as contribuições femininas e

as diferentes possibilidades de análise a partir dos 'olhares' em torno da edificação, coleções, peças, das mulheres artistas, das esculturas, das exposições, das artes, do trabalho, da culinária.

No caso da exposição, pode ser potencializadora a aprendizagem histórica, já que estabelece a comunicação entre o museu e o público, tendo um papel educativo, pois como aponta Maria E. A. Valente:

a exposição enquanto instrumento de comunicação, constitui a ação central de difusão dos museus, pois oferece ao visitante não só a oportunidade de ver, mas de pensar, descobrir, explorar, desejar e investigar, explícita aí o seu papel educativo, na medida em que difunde mensagens e conhecimentos extraídos da análise de um acervo preservado, a partir de diferentes formas e atendendo diferentes perspectivas e temáticas. (1985, p. 8)

Assim, amplia-se a análise das exposições, sejam permanentes ou esporádicas, aprofundando a função social do museu, incluindo as abordagens sobre as mulheres.

A pesquisa histórica visa "(...) ampliar as possibilidades de comunicação dos bens culturais; [...] ela assegura uma visão crítica sobre determinados contextos e realidades dos quais o objeto é testemunha" (JULIÃO, 2006, p. 96). E nessa perspectiva de compreender de que maneira os objetos contam a trajetória e história dos negros e negras no Brasil, pois como pontua o autor

é o trabalho do historiador, movido pelas preocupações do presente, que faz emergir dos objetos as informações, através da investigação, do confronto e análise de seus dados. Trata-se da crítica do documento, das circunstâncias da produção e transmissão do documento no tempo". (JULIÃO, 2006, p. 100).

Para Robert Chartier, representações são como construções sociais de experiências históricas, onde os indivíduos e os grupos esboçam suas visões de mundo. Contribuindo de forma significativa nos estudos históricos e no domínio das diversas relações que os sujeitos mantêm com o mundo.

A cultura material é produzida para desempenhar uma função efetiva, sendo usada tanto para afirmar identidades quanto para disseminá-las, promovendo mudança social, marcando diferenças sociais, reforçando a dominação e reafirmando resistências, negociando posições e demarcando fronteiras sociais.

Para Carlos Lemos, há uma grande falta de informação pública e jurídica a respeito da importância da conservação do nosso patrimônio. Sendo necessário padronizar, em todo o mundo, as técnicas de preservação.

os trabalhos de conservação, de restauração e de escavações serão sempre acompanhados de uma documentação precisa sob a forma de relatórios analíticos e críticos ilustrados com desenhos e fotografias (LEMOS, 1981, p. 77).

1. Museu Afro-Brasileiro e as Representações das Mulheres Negras.

O Museu Afro-brasileiro fica no prédio da Faculdade de Medicina da UFBA, a primeira do Brasil, construída no século XIX, ao lado do Terreiro de Jesus, Pelourinho. Possui mais de mil peças confeccionadas em madeira, metal, tecido e outros, que ganham vida nas formas de esculturas, adornos, trajes e instrumentos musicais. Parte do acervo foi adquirida na década de 1970, vindo de países como Benin, Congo e Moçambique

Imagem 1: Fachada do Museu Afro-Brasileiro



Fonte: parte externa do Museu

O acervo está dividido em duas partes. A primeira é a Cultura Material Africana, representada por objetos inspirados nas manifestações da África tradicional: esculturas, máscaras, tecidos, cerâmicas, adornos, trajes, instrumentos musicais, jogos e tapeçarias, adquiridos na década de 70 pelo Ministério das Relações Exteriores ou doados ao museu através das diversas embaixadas dos países africanos, que possui 5 segmentos: Cerâmicas, Instrumentos Musicais, Esculturas, Máscaras e Coleção De Tecelagem. A segunda parte é a Cultura Material Afro-Brasileira, retratada por sete coleções: Capoeira, Blocos Afros e Folgedos, Artes Plásticas, Painéis de Carybé, Coleção Estácio de Lima, Religiosidade Afro-Brasileira e Cultura Material Afro-Brasileira. Sua origem está relacionada a doações realizadas nas décadas de 70 e 80, por membros de comunidades de terreiro, capoeira e outros.

Imagem 2: Foto de exposição permanente do Mafro, 2020.



Fonte: Mafro - Artes do Crier

O Museu Afro Brasil, situado em São Paulo, possui em 11 mil metros quadrados e um acervo com mais de 6 mil obras, entre pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, documentos e peças etnológicas, de autores brasileiros e estrangeiros, produzidos entre o século XVIII e os dias de hoje. Neste museu podemos encontrar

acervos voltados para religiosidade afro-brasileira. A Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira é composta por artefatos relacionados principalmente ao candomblé baiano, com predominância de objetos das tradições iorubá e fon, a partir de elementos das nações nagô, ketu e jeje.

Imagem 3: Insígnias Abebê - Atributo consagrado às iabás (divindades femininas)



Fonte: Museu Afro-Brasileiro - Cultura Material Afro-Brasileira

A imagem acima faz parte de uma das exposições permanentes do Museu Afro-Brasileiro. O objeto é um espécie de leque, confeccionado em metal, em forma circular ou oval, com cabo no mesmo material, geralmente é ornado e com gravuras em relevo ou recortes. É um objeto da religiosidade iorubá, que consiste em um emblema das Iás, Oxum e Iemanjá, nas religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda. Orixás das águas, Oxum dos rios e cachoeiras, e Iemanjá do mar, portam o abebê (ou abebê) como acessório indispensável na sua indumentária cerimonial. Feitos de latão, o de Oxum costuma ser dourado e o de Iemanjá prateado.

Imagem 4: Oxum por Carybé



Fonte: Iconografia dos Orixás uma visão de Carybé

Imagem 5: Espada de Iansã



Fonte: Museu Afro-Brasileiro - Cultura Material Afro-Brasileira - (Doação da Ialorixá Olga do Alaketo)

Iansã é uma orixá guerreira, associada à guerra e às batalhas das histórias que originam as religiões africanas. Sua espada faz referência ao aspecto guerreiro de Iansã, que é capaz de cortar o que for necessário, pelo bem ou pelo mal. No catolicismo Iansã é representada por Santa Bárbara.

Para Araújo (2004), as memórias sobre os negros (as) ainda estão carregadas de estigmas, isso por conta dos anos de escravidão. Um período sofrido cheio de traumas, dores e feridas que ainda não se curaram. No Brasil, todos os negros e mestiços ainda buscam por reconhecimento de seus direitos, cidadania e identidade. Nesse momento é perceptível como a memória está ligada totalmente com a criação da identidade.

A partir de toda essa reflexão, é exposto no texto como os negros sempre estiveram em papéis secundários em relação a criação da História do Brasil, enquanto, os brancos sempre foram os protagonistas da História ao todo. Todavia, muitas personalidades fizeram questão de enaltecer, de buscar do fundo do esquecimento, nomes e memórias negras para a cultura brasileira, mantendo suas

histórias vivas. Como imagem da escrava alforriada Chica da Silva, trazida por Cacá Diegues e vivida pela Zezé Motta, o mesmo deu suporte para a memória do herói negro Zumbi dos Palmares.

Por fim, a conclusão do texto é sobre o resgate da autoestima dos negros e negras, é a retomada de um padrão entre seus heróis; é sobre as crianças negras verem seus heróis, seus artistas, escritores, poetas, cientistas negros na História. “Queremos que os nossos sejam reconhecidos.” (ARAÚJO, 2014, p. 242)

No Museu Afro-Brasileiro, o acervo Cultura Material Afro-brasileira tem sua origem relacionada a doações realizadas nas décadas de 70 e 80, por membros de comunidades de terreiro, capoeira e blocos afro, bem como a compras realizadas pela Universidade. É composto por quatro coleções: Capoeira, Blocos Afros e Folguedos, Artes Plásticas e Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira.

A cultura afro-brasileira possui elementos de uma visualidade específica num contexto sócio-histórico, no qual o modo de vestir implicava uma marca ou numa representação material da posição hierárquica ocupada pela pessoa dentro de uma estrutura social, caracterizada pelo patriarcalismo, sexismo e escravidão.

De acordo com Lélia Gonzalez (2020)², as mulheres e não-brancas foram definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que infantiliza essas mulheres. Quando falamos sobre a opressão da mulher latino-americana, falamos sobre a realidade vivida por milhões de mulheres que sofrem muito mais que as mulheres brancas.

No meio do texto, é explicado sobre como as hierarquias sempre garantem a superioridade dos brancos como um grupo dominante e os meios de comunicação de massa auxiliam para esse sistema ideológico tradicional, em que os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais. E como a condição biológica, racial e sexual, faz com que as mulheres não brancas sejam oprimidas exploradas nesse sistema capitalista patriarcal racista.

Desta forma, todos os oprimidos acabaram desenvolvendo formas político-culturais de resistência. A autora comenta sobre um ditado muito popular em nossa

² Em seu livro “Por um feminismo afro-latino-americano”, Lélia Gonzalez, filósofa, antropóloga, professora, escritora, discorre sobre a luta contra o racismo estrutural e a articulação das relações entre gênero e raça em nossa sociedade.

sociedade: "branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar". Logo percebemos quais são os papéis dessas mulheres na sociedade, como as mulheres negras são vistas apenas como um uso sexual e nada mais.

2. Museu Afro Brasil e as Representações das Mulheres Negras

Assim como o Mafro, o Museu Afro Brasil, localizado em São Paulo, também tem como objetivo fazer um trabalho de preservação, valorização e divulgação das culturas africanas e afro-brasileiras. Seu acervo abarca diversos aspectos dos universos culturais africanos e afro-brasileiros, abordando temas como a religião, o trabalho, a arte e a escravidão, entre outros temas ao registrar a trajetória histórica e as influências africanas na construção da sociedade brasileira.

Imagem 6: Museu Afro Brasil



Fonte: Site do Governo do Estado de São Paulo

O museu possui 11 mil m² e um acervo com mais de 8 mil obras, entre pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, documentos e peças etnológicas de autores brasileiros e estrangeiros, produzidos entre o século XVIII e os dias de hoje.

Imagem 7: Exposição temporária - Foram os homens e as mulheres negras que construíram a identidade nacional: vidas negras do Brasil



Fonte: Museu Afro Brasil (acervo digital)

Carolina Maria de Jesus, nascida em 14 de março de 1914, é a autora de três grandes livros de sucesso: Quarto de despejo (1960), Casa de alvenaria (1961) e Diário de Bitita (1986). Catadora de papel, negra e favelada, Carolina é um evento magnífico; sua escrita se transformou em símbolo de resistência e eco da memória. Filha de pais analfabetos, a escritora tem seu nome nas portas da biblioteca do Museu Afro-Brasil, que conta com mais de 15 mil itens - incluindo livros, revistas e outros tipos de periódicos, teses, posters e material multimídia, com uma coleção especializada em escravidão, tráfico de escravos.

Imagem 8: Carolina Maria de Jesus



Fonte: Instituto Moreira Salles

Olga Francisca Régis, conhecida como Olga do Alaketu, foi mãe de santo do terreiro de candomblé “Ilê maroiá láji” – o famoso “Terreiro do Alaketu” - por 57 anos. Filha de Etelvina Francisca Régis, Dona Olga é descendente direta da fundadora do terreiro, a africana otampê ojarô (que aqui no Brasil foi batizada de Maria do Rosário), princesa da linhagem real arô, do antigo reino de Ketu, localizado no atual país Benin. Sendo o “Ilê Maroiá Láji” um terreiro cuja sucessão de liderança obedece à linhagem sanguínea feminina, após sua morte Olga foi substituída por sua própria filha, Jocelina Barbosa Bispo. O Terreiro do Alaketu foi tombado, em 2004, como patrimônio histórico pelo IPHAN.

Imagem 9: Dona Olga do Alaketu



Fonte: Museu Afro Brasil

Para Lélia Gonzalez (1988), as danças, os sistemas de crenças, as músicas e tudo que seja cultura do negro, acaba sendo tampado pela ideologia de branqueamento, fazendo com que houvesse uma negação quando o assunto é a contribuição do negro para a cultura popular. Outro fato é que na metade do século XIX, o racismo estava muito presente como ciência da superioridade euro cristã, ou seja, branca e patriarcal, surgindo assim dois termos: racismo aberto e o racismo disfarçado.

A autora ainda destaca que o ditado “(...) todos somos iguais perante a lei”, algo que observado na vida real, não acontece, em virtude do racismo latino-americano ser tão bem projetado ao ponto de manter negros e indígenas sob uma

condição inferiorizada, transformando e deixando eles permanecerem em classes mais exploradas pela ideologia do branqueamento.

Imagem 10 e 11: Trajes de mulheres negras



Fonte: Museu Afro Brasil



A imagem acima (imagem 11) faz parte de uma das exposições de longa duração do MAB, chamada *África: Diversidade e Permanência*. A exposição conta máscaras e estatuetas feitas em madeira, bronze e marfim, e como podemos ver vestimentas bordadas em fios de ouro, todas originárias de diferentes países e grupos culturais como Costa do Marfim, Nigéria e outros locais. A importância desta exposição articula os sujeitos historicamente atrelados à formação da sociedade brasileira, de forma a não negligenciar a comunidade negra, ou isolá-la, no âmbito da fetichização do objeto em torno da escravidão.

No Museu Afro Brasil, foram realizadas algumas exposições que são identificadas como femininas, entre elas: Exposição 'Carolina Maria de Jesus' (Maio, 2005) ; Exposição 'Dona Olga do Alaketo Iyalorixá da Bahia' (Outubro, 2005); Exposição 'Yedamaria' (Novembro, 2006); Exposição 'Ruth de Souza' (Agosto, 2011); Exposição 'Tetê de Alencar - Cinderela Flash' (Agosto, 2011); Exposição 'Aparecida - A Virgem Mãe do Brasil' (Outubro, 2012). (SILVA, 2013, p. 128-130)

De acordo com a Lei 10.639/2003, é obrigatório o ensino sobre a história e a cultura afro-brasileira nas disciplinas de História, Língua Portuguesa e Artes nas escolas. Com isso, as religiões afro-brasileiras foram incluídas como pauta; as religiões afro-brasileiras elas são um agrupamento de elementos católicos, espíritas e indígenas, como a umbanda em que a sua formação é baseada por uma seleção de doutrinas e rituais realizadas por pajés, candomblé, catolicismo, espiritismo, etc.

É importantíssimo ressaltar que todas as crenças afro-brasileiras durante o período colonial foram reprimidas. A existência delas só serviam para manter a paz e a diversão nas senzalas, fora isso, elas eram rebaixadas e desrespeitadas. Apenas em 1988, na Constituição Brasileira, que elas começaram a ser respeitadas e valorizadas como cultura étnico-racial e social.

Todavia, esse processo identitário necessita de uma organização das mulheres negras brasileiras para que elas possam refletir sobre essa identidade política desconhecida.

Na história as mulheres negras sempre trabalharam em lavouras, sendo quituteira, etc. São mulheres que sempre foram deixadas em segundo plano, as que sempre tiveram os papéis secundários da história, deixando claramente explícito o racismo, a opressão e a desvalorização da mulher negra na sociedade. Em 1988, aconteceu uma mobilização de mulheres negras em diversos Estados, entre eles Bahia, São Paulo e Minas Gerais. A autora, Sueli Carneiro, em “Mulheres Negras” (1993), explica que o Movimento de Mulheres Negras foi criado devido à grande necessidade de definir essa identidade política. Política pela questão de que, além do movimento ser feminista, ele também é racial, é a junção do movimento negro mais movimento feminista, tendo como resultado o Movimento das Mulheres Negras. Ainda nesse momento, ela comenta como o negro sempre foi marginalizado socialmente e as mulheres negras sempre foram vistas como subordinadas, sempre oprimidas pela sociedade patriarcal e racista. Além desse fato, é nítido como existe um sentimento gigantesco de competição entre negros, homens e mulheres, nos espaços políticos e sociais.

O texto acaba chegando ao aspecto religioso e como ele está envolvido demasiadamente na questão da representação da mulher negra. Os orixás femininos cultuados no candomblé são Oxum, Iemanjá, Nanã, Obá, Ewa e Iansã. Para as fiéis do candomblé, o âmbito religioso leva a igualdade e o apoio que essas mulheres necessitam. A autora nos traz um relato em que uma mulher diz que no candomblé, ela se sente mais homem, mais firme, que ela não precisa ter medo do homem, é forte, guerreira.

Essa imagem de mulher guerreira surge no contexto da abolição da escravatura, quando os negros foram libertos sem nenhum planejamento de inclusão social. Nesse momento, elas foram as responsáveis pelas unidades familiares,

preservação das tradições culturais e religiosas. É interessante falarmos também sobre como o candomblé levou uma perspectiva nova em relação às atividades domésticas, no candomblé, os afazeres domésticos são ritualizados e sacralizados.

Por fim, ela comenta sobre a criação do Movimento Negro Unificado (MNU) em junho de 1978, definição de bandeiras que apoiem um projeto político que dê conta da totalidade da questão racial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura afro-brasileira possui elementos de uma visualidade específica num contexto sócio-histórico, caracterizada pelo patriarcalismo, sexismo e escravidão. Ao escrever sobre a cultura afro-brasileira tem-se como principal objetivo desconstruir, revogar o negligenciamento da luta negra e seu silenciamento.

Neste sentido, a oralidade, o museu e a memória são as principais formas pedagógicas de apreciar e valorizar a cultura, apontando formas alternativas de suas representações, que não exóticas e cheias de floreios e folclóricas. É a partir da criação de uma nova memória, ou da quebra de uma memória que foi criada sobre fatos discriminatórios e racistas, que se tem uma ressignificação positiva da identidade negra. Como coloca Joana Silva (2015, p. 101) “vamos imaginar que numa exposição no século XXI, seja possível [...] darmos voz às falas silenciadas e aos nomes esquecidos pela historiografia oficial do país.”

O museu pode representar um encontro de debates e de formações de múltiplas relações com a comunidade. Sendo assim, um dos seus propósitos é ser o agente formador de conhecimento e o elo que nos une com nossos antepassados, identificando parte de uma mesma herança cultural. Sua função social é permanecer para solidificar e legitimar a existência de experiências e vivências, o presente artigo teve como intuito demonstrar como a memória é parte indispensável de nossas histórias, especialmente de mulheres negras, preservando a multiplicidade de informações culturais.

Em suma, suscitar as memórias a partir dos objetos que são ou que identificam as mulheres negras contribui para reflexão histórica, trazendo elementos que remontam as contribuições culturais e podem ser representatividades importantes para diferentes gerações.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **Museus etnográficos e práticas de colecionismo: antropofagia dos sentidos**. 2005.

ARAÚJO, Emanuel. **Negras memórias, o imaginário luso-afro-brasileiro e a herança da escravidão**. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, p. 242-250, 2004.

_____. **Atualidades: Imaginário e representação da mulher negra são destaques do “Diversidade em Ciência”**. *Jornal da USP*. Disponível em: <<https://jornal.usp.br>> Acesso em : 05 jan. de 2022.

BATTISTI, Cleusa Molinari; TASSO, Beatriz Sawaris. **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos**. *Ágora Revista Eletrônica*, n. 19, 2014

BRASIL. **Estatuto dos Museus**. 2009 Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm>. Acesso em: 27 nov. 2022.

BRASIL. **Lei nº 8.313**, de 23 de dezembro de 1991. 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm>. Acesso em: 27 nov. 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Mulher Negra**. Caderno Geledés. 1993. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Mulher-Negra.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

CHARTIER, R. **O mundo como representação**. *Estudos Avançados*, 5(11), 173-191. 1991.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. ed -São Paulo: Boitempo, 2016.

FLORES, Elio Chaves. **Palavras afiadas: memórias e representações africanistas na escrita de Carolina Maria de Jesus**. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 28, n. 1, 2010.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural da amefricanidade**. *Tempo brasileiro*. p. 69-82. 1988.

_____. **Por um feminismo afro-latino-americano**. In: *Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino n.1*. Brasil, 2011.

_____. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: Revista Ciências Sociais Hoje. Rio de Janeiro. ANPOCS, p. 223-244. 1984.

JULIÃO, Letícia. **Pesquisa histórica no museu.** In: Caderno de Diretrizes Museológicas 1. Brasília: Ministério da Cultura, IPHAN, Departamento de Museus e Centros Culturais de Belo Horizonte, 2006.

LEMOS, C. A. C. **O que é patrimônio histórico.** São Paulo: Brasiliense. 1981.

LIMA, Tania Andrade. **Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.-abr. 2011.

_____. **Museu Afro Brasil.** Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/>> Acesso em: 23 set. 2021.

_____. **Museu Afro-Brasileiro.** Disponível em: <<http://www.mafro.ceao.ufba.br/>> Acesso em: 25 set. 2021.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres.** Tradução: Angela Maria da Silva Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** Rio de Janeiro: IPHAN, 2005.

Rodriguez, Andréia da Fonseca. **Gênero no espaço do Museu: uma leitura social da exposição “Entre rendas, chapéus e boas maneiras”.** Pelotas / RS: Museu Municipal Parque da Baronesa. Universidade Federal de Pelotas. 2010.

SCIULO, Marilia Mara. **Quem foi Carolina Maria de Jesus, que completaria 105 anos em março.** Revista Galileu. 2019. Disponível em: <<https://revistagalileo.globo.com/Cultura/noticia/2019/03/quem-foi-carolina-maria-de-jesus-que-completaria-105-anos-em-marco.html>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

VALENTE, Maria Esther Alvarez. **A conquista do caráter público do museu.** In: GOUVÊA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina (Orgs.). Educação e museu: uma construção social do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro, p. 21-45. 2003.